

África

O problema da fome em Angola

RETOMO este meu peregrinar de pensamento pelo que observei e experimentei nestes dois meses por lá. Com mais autoridade os nossos Padres em África vão relatando em suas crónicas essas realidades. Não é uma sobreposição o meu intento; é a necessidade de desabafar.

Primeiro, a repulsa por esse pecado contra natura que é morrer-se de fome num País imenso onde há desertos e savanas, mas também terras onde «corre o leite e o mel», suficientes para alimentar uma população que multiplicasse não sei por quantos os dez milhões que conta, se é que são tantos...

Nunca houve fome em Angola. Na sua organização rudimentar, temperada, quantas vezes!, por uma sabedoria exemplar, o Povo, distribuído pelas vastas Províncias do País, tinha as suas lavras, os seus rebanhos, os seus frutos, que cultivava ou a Natureza generosamente lhe oferecia; tinha a possibilidade de caçar e de pescar... O que não tinha era a peste da fome que agora grassa e mata.



Casa do Gaiato de Malanje

Também não tinha, é certo, o domínio das riquezas imensas que o solo é capaz de produzir e aquelas outras que o mesmo solo esconde e o subsolo guarda.

Mas essa riqueza imensa que a civilização conhece, controla e explora — de que lhe serve?...; quem lhe colhe o proveito... senão a própria civilização e os segregados do Povo com ela comprometidos?

Se vale o adágio *primum vivere, acode-me o pensamento utópico: Não seria a sorte do Povo que uma nuvem escondesse e apagasse da memória dos homens os cinco séculos que desde as descobertas foram proporcionando aos olhos cobiçosos do mundo dito civilizado a descoberta das riquezas que o país contém...?*

Utopia, sim — que a civilização infiltrou-se e segregou alguns e deu-lhes interesses e alimenta-lhes ambições que os não deixam livres para emendar o passo. A civilização é inteligente; e nem precisa de inovar; basta renovar «o Cavalo de Tróia».

Continua na página 3

CALVÁRIO

O supérfluo

HOJE em dia, há uma preocupação excessiva com o supérfluo, a ponto de ele se tornar imprescindível para muitos. O tansbordar da abundância reclama-o. Alegam-se razões, conveniências. Contudo, o supérfluo é sempre dispensável, embora tantas vezes dele se não prescindia e até se tome como prioridade.

Colchas são adornos. Dão graça aos leitos. Tapam, escondem, embelezam. Mas têm apenas uma função supletiva.

Colchas, porém, dum momento para o outro tornam-se algo de necessário, preciso mesmo, para muita gente revelar o seu amor por estes doentes. Quando aquele impera, o supérfluo torna-se necessário.

Foi bonito escutar vozes de Setúbal, de Lisboa, de Santarém, de Aveiro, do Porto, de Guimarães, oferecendo colchas novas para substituir as já púidas na

cama dos doentes. Ganhou a corrida a Cidade-berço. Nos berços surgem sempre as melhores colchas!

Vou às portas da velha urbe escolher e encomendá-las numa fábrica. De seguida, junto ao castelo, com D. Afonso por testemunha, digo o custo daquelas. Tudo simples!

Tenho pena de quem desejava também colaborar. Mas alguém tomou a dianteira.

O supérfluo, afinal, torna-se necessário para muitos manifestarem o seu apreço pelos Outros.

Fico a gostar mais do supérfluo depois disto.

Com ele podemos dar sinal de que os demais têm valor para nós e de que em nós mora a delicadeza, a estima, a generosidade.

Transformar aquilo que se pode dispensar em coisa boa, é uma maneira de dizer que se anda atento na vida.

Quero ver se assim acontece comigo, pois oportunidades não faltam. O Ema-

nuel não sabe contar as horas. Mas não me larga por um relógio de pulso. Tenho de lhe colocar este adereço no braço para ele se sentir igual aos outros e saber que o consideramos.

Clama-se muito contra o supérfluo na nossa sociedade desperdiçadora. Na verdade, adquirir ou aceitar algo de supérfluo, só para ter o prazer de possuir, é desperdício e não faz sentido. Mas o supérfluo pode ser útil e, em certos momentos, até vantajoso.

E nestas alturas é bom tornar belo aquilo que se dá, dando-lhe alma. É salutar perceber o gesto e a intenção de quem oferece, aceitando com alegria e gratidão.

Muitos dão prendas, oferecem coisas supérfluas. Olhar as coisas e apreciá-las apenas em si mesmas é uma atitude superficial. Mas penetrar no significado da oferta é tornar valioso aquilo que se recebe. O que mais vale é aquilo que a prenda produz. E perceber, isto é, entrar na dimensão verdadeira da oferta e na alma de quem a dá.

Continua na página 3

Festas Setúbal

«Olhe que as Festas só têm música e danças. Faltam-nos as suas peças!» — foi o recado que os rapazes aflitos me trouxeram.

Costumo respigar, com a experiência feita, as expressões vivas e vivenciadas pessoalmente nesta Casa do Gaiato e que o Pai Américo tão bem sabia pôr no papel. São as peças! E que peças, diria eu!...

Recolhi-me dois dias para este magnífico recanto da Casa da Arrábida, onde ocupo uma varanda rodeada de ramagem espessa de dois pinheiros carregados de pinhas velhas e carcomidas e de novas ainda por abrir com o aspecto selvaticamente virgem nunca violado pela intervenção humana. Ouço o marulhar manso do mar, lá em baixo, misturado com o ressoar doce da brisa, carregada de perfume rústico e leve do pinho e o cantar livre, diverso e constante dos passarinhos.

Os meus olhos perdem-se pelo azul penumbroso do oceano até onde se encontra com o céu num cumprimento ilusório mas feliz de um beijo amigável. O silêncio da vida e dos homens é absoluto, exteriormente. Dentro de mim borbulham como um vulcão as preocupações com os rapazes e não é fácil repentinamente arrebatá-los por esta maravilha.

Encontrei um texto do Pai Américo acerca do valor da consciência — uma maravilha!... — e perdi-o. Há dois dias que não faço mais nada senão procurá-lo. Conheço o seu sentido e expressão, mas a forma original que é, encanta-me para o pôr nas peças como o melhor crivo que limpa o joio.

Hei-de achá-lo e tu hás-de saboreá-lo, declamado por um rapaz.

Hoje, domingo, foi todo o dia Festa! Ensaios no salão, na sala de música, nas escolas, no escritório!... Só por um domingo assim, valem as Festas.

A tarde chamei mais uma vez o «Palhaço».

Tenho conversado com ele tantas vezes! É um rapaz vivo, inteligente, com capacidades!... Se algum dia eu vir este rapaz homem, sou a pessoa mais feliz do mundo! Ele anda perdido.

— Andas a dar cabo da tua vida!... Andas ou não?!...

— Ando!...

Nada como reconhecer o mal!... «Palhaço» anda no 7.º ano. O ambiente da escola é mau. Os professores interessados, conscientes, amigos!... Mas o ambiente é mau!

Quem programou escolas com milhares de alunos não percebia nada de educação. Nada!... Talvez de

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MISÉRIA ENVERGONHADA — Vamos encontrando gente quase no limite da miséria!

Agora, uma pessoa de meia idade, doente, vivendo praticamente na solidão. E que procura, quando pode, o benefício de pequeninos trabalhos para conseguir sobreviver de cara lavada.

Há dias, topámos essa pobre mulherzita na via pública. Não foi tarde nem cedo. Foi na hora. Com diplomacia, procurámos nos dissesse se teria necessidades d'ordem material. Ficou impávida, serena. Longe da nossa previsão! Não teve coragem de dizer sim ou não. Adiantámos: — E se tivéssemos a hipótese dum pequenino alívio para as suas necessidades...? Óbolo a ser entregue por uma vicentina. A face dela transformou-se num leve sorriso d'alegria interior!

É assim, no reino dos Pobres. Deu a resposta breve no seu olhar. E seguiu para casa mais aliviada. Com certeza, dando graças a Deus pela hora que dispôs. É mulher de fé.

Temos necessidade de ser discretos nesta vida dedicada aos Outros. Tanto mais, quanto maior for a exclusão — a pobreza ou a miséria envergonhada.

PARTILHA — Assinante 32217, de Vancouver, com «pequena oferta (vinte dólares canadianos) para ser entregue a quem dela precisar. São tantos a precisar, bem sei, que é pouco. Mas, vale mais pouco que nada».

«Avó dos cinco netinhos», Setúbal: «Pequenina lembrança (três contos) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, referente ao mês de Abril. Uma gota no grande oceano das necessidades».

Sete mil, da Capital do Norte, pela mão da assinante 11856.

Lembrança do assinante 8632, que Deus haja, também do Porto, entregue pela viúva. Era um companheiro amigo da extinta Escola Mouzinho da Silveira.

Assinante 13440, de Avintes (V. N. Gaia), destina «o excedente de contas d'O GAIATO para os Pobres — mas acusem recepção». Aqui está!

Outra vez Porto: vale da assinante 26152, que «oferece a importância, com muito amor, para um caso urgente, pois surgem todos os dias» — por intenção dos «queridos pais de quem tenho tanta saudade!» Laços de família que duram para sempre.

«Migalhinha de 'uma portuense qualquer', referente aos meses de Maio e Junho.» Perseverança!

Assinante 5580, de Monção, entrega «parte do primeiro

ordenado do filho». Acrescenta, esta boa Mãe: «São muitas as necessidades de quem tem uma casa grande para governar». E remata: «Pai Américo, junto de Deus, não deixará de pedir ajuda sempre que necessária».

Dois mil, da assinante 42871, de Ovar, «por intenções diversas, como melhor entenderem. É pouco, mas, desculpem, os tempos já foram melhores».

Mais perseverança. Habitual óbolo mensal da assinante 31104, da Capital: «Enquanto puder, continuarei a seguir a máxima do Senhor: Tudo o que fizeres ao mais pequenino é a Mim que o fazes. Máxima das mais elevadas em Sua Vida terrena».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

HORTA — Na horta plantaram tomate e alfaces, depois do cebolo.

Mais tarde poderemos comer uma boa salada! Vamos comendo algumas, entretanto, mas esperamos provar os tomates que foram plantados.

DIA DA MÃE — Nesse dia alguns rapazes ofereceram flores às senhoras cá de Casa, pois não as podiam oferecer a suas verdadeiras mães porque ou estão longe ou não a têm... Sem nunca esquecermos a outra grande Mãe que está no Céu.

MÊS DE MARIA — O mês de Maio é o mês no qual devemos rezar mais.

No mês de Maria rezamos cinco Mistérios do Terço e cantamos.

POMAR — As árvores estão carregadas de muitos e bons frutos.

Também já temos mais alguns animais, desta vez bem protegidos dos cães, por nova rede.

Não temos um pava! Se alguém no-lo oferecer enquadra-se perfeitamente no meio.

CEREJAS — Estão a pintar, quero dizer, a desaparecer...

São tão boas que os rapazes não resistem a provar algumas!

Agora, só falta amadurecerem para as podermos comer à sobremesa.

Rui Manuel

FUTEBOL — No dia 3 de Maio defrontámos uma equipa de Baltar («Os Magriços»).

Jogo bem disputado. Na primeira parte começámos por estar a perder por 1-0 (golo marcado de grande penalidade). O «Astronauta» empatou o jogo com um golão! E o Daniel colocou-nos em vantagem, pouco depois. Não demorou muito a sofrermos o empate — resultado ao intervalo.

Na etapa complementar a nossa equipa arregaçou as mangas e foi um vê se te avias. Dois golos sem resposta que nos deram a vantagem final de 4-2.

No dia 10 recebemos a equipa do antigo gaiato «Flora». Bom encontro!

Durante a primeira parte mostrámos ser superiores ao adversário e marcámos por 4 vezes. Após o descanso sofrermos dois golos da autoria do «Flora» e só marcámos um pelo «Vitinho». Resultado final: 5-2.

«Pintinhas»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Voltamos à vossa presença, para dar o nosso testemunho, de mais uma situação que nos surgiu por estes dias.

RETALHOS DE VIDA

Jorge Oliveira



Sou o Jorge Manuel Rodrigues Viana Oliveira.

Nasci em Mafanude, V. N. Gaia, a 28 de Dezembro de 1981.

Sou duma família pobre. O meu pai deixou-nos. A minha mãe é doente. Somos seis irmãos: Pedro e Luís, dois gémeos com 17 anos, que desde pequenos estão com a minha tia; Paula, a mais velha, com 22 anos, já casada, agora, ajuda a minha mãe no que for preciso; Vanessa 5 anos; Corina, 3 anos.

A minha mãe perguntou se eu queria vir para a Casa do Gaiato. Disse que sim. Aqui estou desde 22 de Janeiro de 1997 para que tenha, quando sair daqui, um emprego para o meu futuro.

Jorge Oliveira

Recebemos o apelo de um casal jovem ele com 18 e ela com 16 anos, grávida de sete meses, desempregados, a viverem em casa de uma família que os acolheu com muito carinho. Os pais separados e por desavenças familiares não vivem com eles.

Neste momento a nossa preocupação é que o rapaz arranje emprego para sustentar a nova família. Quanto à mãe e o bebé que vai nascer, vamos tentar, com todo o carinho, dar apoio moral e material.

A rapariga safu de casa da mãe sem qualquer peça de roupa. Por este motivo necessitam de roupa de cama e roupinha para o bebé. Apelamos aos nossos amigos..., pois queremos, com tempo, arranjar enxoval para o bebé.

Mais do que nunca, esta jovem mãe precisará de todos nós, porque tanto ela como o rapaz, ainda necessitam de ser orientados para que não se percam pelo caminho, como tantos jovens do nosso País. São duas crianças, mas já começaram muito cedo a ter encargos familiares.

Temos consciência de que para este casal, o nascimento dum filho não será fácil. Terão momentos bons e maus, como acontece a todas as famílias. O que eles precisam, e todos os casais, é que haja sempre diálogo para que a vida do casal não caia na rotina.

O QUE RECEBEMOS — Assinante 9217, 5.000\$00; Maria Marques, 5.000\$00; assinante 48483, 20.000\$00; anónimo, 1.000\$00; Celeste, 2.000\$00; assinante 58594, cheque de 20.000\$00; assinante 17991, 25.000\$00; Dolores, 2.000\$00; assinante 33275, 10.000\$00; assinante 6313, cheque de 20.000\$00; assinante 10770, vale de 2.000\$00; assinante 20517, 5.000\$00; assinante 7769, 10.000\$00; de Lourosa, 30.000\$00; Artur, 5.000\$00; amigo da Rua D. João IV, 5.000\$00; Pereira, 2.000\$00; M. José, 5.000\$00; assinante 14590, 2.000\$00; anónimo, de Gaia, 100.000\$00.

Um bem haja para todos os nossos Amigos. E com a vossa ajuda moral e material procuremos conseguir levar o barco a bom porto.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

TOJAL

FESTAS — Já vamos quase a meio das nossas Festas. Por enquanto, tudo tem corrido bem. Temos feito novos Amigos e vamos reavendo outros.

PEDIDOS — Com o decorrer das Festas algumas roupas precisam de alguns pontos. Para isso, necessitamos de linhas coloridas, agulhas, dedais e tesouras. Não só para

a roupa das Festas, mas também para a própria roupa de nossa Casa.

Precisamos, também, de meias de renda, tipo folclor, com números grandes: 39, 40, 41...

Se alguns dos nossos Leitores tiverem algumas destas coisas e não necessitem e as quiser doar, são sempre bem vindas.

Desde já, muito obrigado.

ESCOLA — Daqui até ao fim das aulas é um instante. Alguns rapazes já se preparam para as provas globais. Outros, para os exames nacionais. Esperamos que nenhum deles agora desista, mas enfrentem estas avaliações de conhecimentos da melhor maneira possível.

PORCOS — Uma porca deu à luz dez leitõesinhos. Morreram dois por motivos de fraqueza, mas os outros oito continuam bonitos, a crescer dia-a-dia.

BATATA — Continua a crescer. Todos nós vamos já imaginando o celeiro cheio de batata nova!

JARDINS — Estão maravilhosos! As plantas pegaram e continuam a crescer, a florir. E, como não poderíamos esquecer, a relva está agora tão verde que até as nossas ovelhas arregalam os olhos, mas é uma refeição proibida...

Arnaldo Santos

Manuel Amândio

O oásis do emigrante!

Olhai o emigrante,
Parte para o estrangeiro
Para ganhar mais dinheiro
Num triste dia
Ou numa noite escura e fria.

Olhai o emigrante,
Luta contra as forças hostis,
Defende a sua cultura,
Chora pelo seu País
De sol ou de bruma.
Mas há-de ter o que
[sempre quis!

Olhai o emigrante
Trabalha no duro,
Esboça no seu semblante
O esforço dispendido,
Integra-se num grupo
Que não é do seu mundo...
E obedece aos sacrifícios.

Olhai o emigrante,
Traz o calor da saudade
E a alegria da amizade
Que sente pela sua família
E pelos seus amigos
[de estima!

Olhai o emigrante,
Chega com olhos
[de esperança!
Transforma no seu peito
A sua materna cidade
De pobres sem leite
E de vagabundos fora
[da sociedade
Num real Oásis!

Setúbal

O «Melo» veio celebrar connosco as bodas de prata do seu casamento.

Foi na nossa Missa de domingo!
A comunidade toda reunida à volta do altar e da Palavra de Deus, menos os da venda d'O GAIATO! A nossa Missa ao domingo é sempre festa. O órgão, as violas, o canto. Mas quando surge mais uma razão, o entusiasmo aumenta!...

O senhor «Melo» mais a D. Albertina trouxeram os filhos, os cunhados, a mãe de D. Albertina e uns amigos!
Era uma celebração em Família! Tudo simples. Tudo com beleza. À maneira dos gaiatos!

O texto litúrgico deste quinto domingo de Páscoa falava-nos do casamento de Deus com o Homem: «Vi a Cidade Santa — a Nova Jerusalém — descer do Céu ornada como noiva que se adorna para o seu Esposo».

Um céu novo e uma terra nova! Linguagem escatológica, mas também presente no tempo. Agora. Amanhã será sem sombras e sem barreiras — face a face!; mas, hoje, é com Ele, o Nosso Deus presente, que fazemos nova esta terra e preparamos o Céu. Foi uma prenda que o «Melo» nos trouxe!...

É muito importante para os rapazes verem o seu sonho já realizado por alguns e sentirem ao vivo as etapas da vida.

O «Melo» é nosso desde pequenino. Veio para Paço de Sousa com 3 anos. Ofereceu-se para colaborar com o Padre Manuel em Benguela onde conheceu a esposa e se casou. Veio corrido como todos os portugueses, na embriaguez da revolução, como um malfeitor. Ficou connosco. Tem sido com a esposa cireneus a quem arrimo responsabilidades nas oficinas e na Obra! Leigos anónimos, de valor incalculável e escondido que o Reino dos Céus há-de trazer à luz de todos.

Padre Acílio

África

Continuação da página 1

Por isso que a utopia é utopia mesmo, me parece dilatada para horizontes que estão fora do horizonte possível a libertação do Povo da fatalidade da colonização que se pressente, cada vez mais vazia de humanidade, apesar (e talvez também por causa) das vagas de humanitarismo.

A solução do problema da fome passaria pela redistribuição do Povo agora concentrado no litoral, promovendo o seu regresso às regiões de origem. Para tal é preciso que a paz não seja somente uma pausa de beligerância, mas um dado positivo, certo, sinceramente assumido por todas as partes.

O pior, porém, será a falta de vontade de muitos de regressar às suas terras. A maioria da população deslocada é jovem. Habitou-se aos vícios que o urbanismo comporta. Desabitou-se da pacatez e do trabalho da terra. Custa a perceber, e ainda mais a explicar, como a mentalidade do consumismo também ali penetrou e vai enraizando. Os espertos sempre se vão safando mercê de muitos expedientes de que a honestidade não é alma. É a pureza do Povo que está também em decadência e esse é o mal que mais me impressionou e aflige.

Neste sentido, a impressão mais positiva que colhi — já aqui o disse — colhi-a em Malanje, decerto porque a cidade sempre foi um ghetto relativamente ao resto do país e as populações que nela se refugiaram durante a guerra, vieram da Província e não tiveram a experiência de outros estilos de vida que destruissem a nostalgia do modo de viver que antes tinham. Daí um regresso mais maciço às suas aldeias e uma rarefação na cidade que lhe restituiu algo da graça e da prestabilidade de outros tempos: Nem o miserabilismo que rodeia Benguela nem o caos e a insegurança de Luanda.

Falo do que vi e senti nas três cidades; e presumo que nas do interior as coisas se passem em semelhança a Malanje. Aí se conserva mais conforme a pureza do Povo. Aí me parece mais controlado o espectro da fome.

Da fome que é escandalosa em qualquer parte do mundo, um mundo que destrói tantos excessos de produção; e muito mais nestes países em que os recursos sempre foram proporcionados às exigências do seu Povo o qual, por muito austero que seja, não pode abdicar da suficiência.

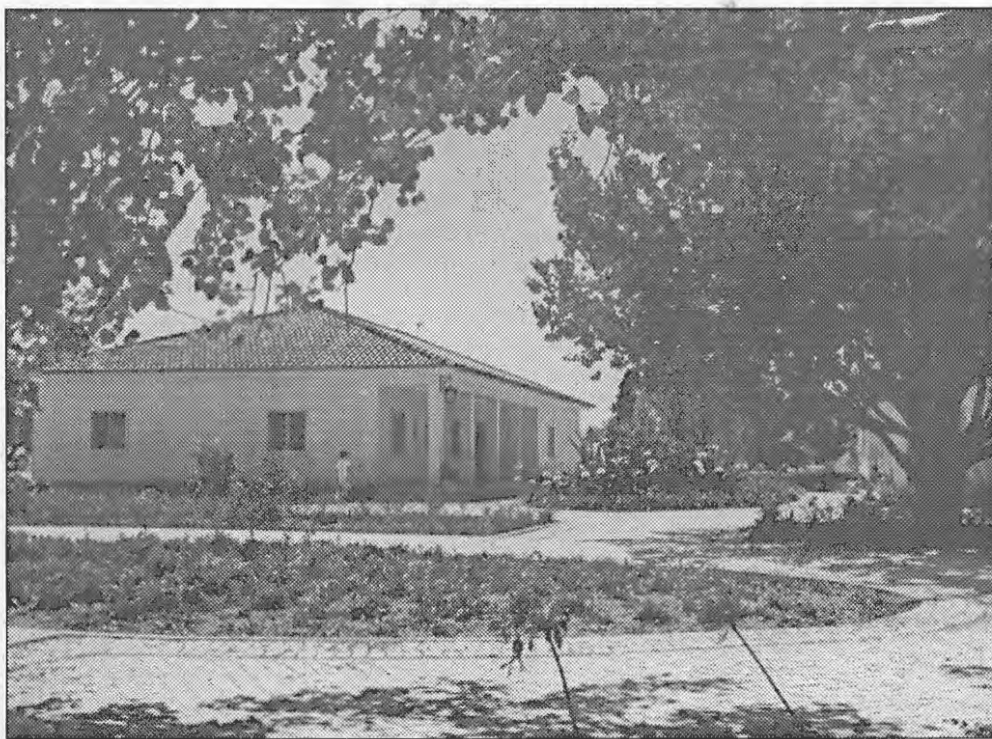
Pecado contra natura é morrer-se de fome num mundo assim desequilibrado pelo desequilíbrio dos homens a quem Deus entregou a gestão de tudo quanto criou e tão más contas dão de si e do seu governo.

Padre Carlos

PENSAMENTO

O mundo não quer medo, quer amor.
Não quer temer, quer amar.

PAI AMÉRICO



Alguns jardins da nossa Casa

Vistas de dentro

Os jardins da nossa Casa

TANTOS jardins e tão bem tratados!... ouvimos, várias vezes, esta exclamação a muitos dos nossos visitantes. E nós próprios também nos deixamos encantar com tal beleza.

No último sábado, de manhã, sábado com sabor a Primavera com réstias de sol e temperatura agradável, um grupo dos maiores e o padre da Casa dedicaram todo o tempo aos jardins. Grupo composto por empregados fora de Casa, alguns a cumprir o serviço militar; outros já adiantados no estudo; dos mais capazes nenhum ficou de fora. Uns cavavam a terra já livre; outros espalhavam estrume logo misturado na terra; outros ainda procuravam nos canteiros as flores que deveriam ser mudadas,

enquanto mais outros as plantavam com muito cuidado. Dois deles seguiam com mangueiras regando os canteiros. Quando tocou a sineta para o almoço, o trabalho estava no fim e os jardins com novas plantas e flores ficaram à espera dos dias de crescimento para nos encantar com sua beleza, pois todos gostam de se sentar nos bancos dos jardins.

Foi uma manhã de encanto e de meditação na vida da nossa juventude. A maioria dos jovens de hoje passam o dia a matar o tempo. Muitos deles enfiados pela inutilidade do tempo que perdem. Outros vão esbracejando os dias que lhes deixam sabor de amargura. Tanto tempo desperdiçado, meu Deus!

Ao contemplar este maravilhoso quadro do arranjo dos jardins, ficámos com a sensação de que a sociedade seria mais jardim e menos

estrumeira, se todos procurassem ajudar a embelezá-la.

As Casas do Gaiato procuram ser jardins de flores humanas e também de flores do campo. A preparação da terra e a plantação das flores são obra dos maiores e a monda das ervas daninhas e a rega é obrigação dos mais pequenos. São todos obreiros dum quadro familiar de maravilha.

Padre Horácio

Calvário

Continuação da página 1

Foi assim com as novas colchas. Colchas são trapos. Mas estes trapos, carregados de estima pelos doentes desta Casa, não têm preço. São peças de adorno a exprimir os sentimentos e a nobreza de quem as oferta.

Mesmo sem terem dado colchas, muitos deram-nos a conhecer o seu apreço pelos nossos doentes. Bem hajam de igual modo.

Padre Baptista

BENGUELA

A imagem do sementeiro

A hora de escrever, a imagem do sementeiro saltou no meu pensamento. Recobrei o ânimo e a alegria de comunicar com O GAIATO e a multidão dos seus Leitores. Momentos antes, com a cabeça entre as mãos, mergulhei no mar profundo dos problemas sociais e não sabia como vir ao de cima. Foi, então, que a imagem do sementeiro apareceu e, com ela, estou a caminhar.

Toda a vida tem que ser tempo de esperança. O sementeiro semeia e espera. Tem necessidade de semear e tem necessidade de esperar. Assim é a nossa vida aqui. É uma gota d'água no oceano. É o grão de mostarda na horta que é esta terra e este povo. Quem vem para ver e fica por um tempo, experimenta o desafio lançado pelas crianças, pelos jovens e pelas famílias que querem viver e ter condições para viver. Querem aprender mas não têm quem os

ajude. Querem escolas, mas não têm. Querem livros, mas não têm. Querem comer, mas não têm. Querem remédios, mas não têm... Por isso, com minha cabeça entre as mãos, mergulhei e perdi-me, por momentos, no fundo deste mar. A imagem do sementeiro abriu-me a porta e subi para a luz: viver na esperança. E é suficiente para caminhar de cabeça erguida com estes filhos e este povo que chora, ri, dança, canta e reza, celebrando o dom da vida enquanto vive.

Dou conta, porém, de que um sentimento de incerteza e medo do futuro, bastante generalizado, paralisa iniciativas e prostra no desalento as pessoas. É possível fazer-se muito mais por parte dos responsáveis. Que não fechem a porta do futuro que é a esperança e se traduz em projectos concretos que vão direitinhos à vida das pessoas.

A propósito, ouvi dizer que os nossos professores vão trabalhar com mais força durante esta semana e outras, porque rece-

beram o seu salário que andava um pouco atrasado. O salário, por si, infelizmente, não representa o suficiente na vida das pessoas, em geral. Mas, se esse pouco não chega a tempo e horas... É um pormenor importante que pode contribuir muito para aliviar a carga demasiado pesada da vida.

Há *diamantes* de valor muito mais alto que o valor daqueles que são extraídos do solo de Angola, à custa de grandes investimentos. São as *pedras preciosas* que temos em nossa Casa, que vamos *lapidando* com muita paciência (que, às vezes, nos falta) e são a maior riqueza de Angola. Na semana passada, como de costume, fomos de camião até à pescaria da Macaca, um pouco além da cidade da Baía Farta. O nosso Nelito Afonso veio de lá. O Zé Faustino, também. Vários anos se passaram. O pai do Nelito morreu e a mãe ficou, por lá, com a mente dimidiada. Que surpresa! No local, de cubatas e habitações degradadas, todos conheciam o pai, já falecido, e a mãe ainda viva. Aquele encontro foi uma festa pequen-

nina mas bela, com muita gente a rodear o Nelito. Ouvia-se: — *Estás muito melhor do que nós...!* Valeu a pena termos ido à Macaca, não só pelo passeio, mas também pelo Nelito que viu onde veio; sabe onde está e vai descobrindo a grande riqueza que leva dentro de si para a pôr ao serviço de Angola. Tem a porta aberta para o futuro. Como ele, também os outros.

Esta preocupação por um futuro digno não a levamos, apenas, com os que vivem em nossa Casa. Chega, também, em bom número, aos de fora. Há dias, houve encontro de pais e encarregados de educação das crianças que frequentam o 2.º nível da nossa escola. Falámos do direito que os filhos têm a frequentar a escola e da obrigação do Estado em construir os lugares necessários. Falámos da ajuda que estamos a dar porque as crianças têm direito e são amadas pela Casa do Gaiato. Os responsáveis têm que colaborar.

Estamos a semear.

Padre Manuel António

Cartas

Grão de areia

Para uma Obra dessa envergadura, o meu cheque é um grão de areia, mas nós é que não podemos mandar mais. Se Deus permitir que a vida seja outra, a nossa ajuda também será.

O nosso querido Jornal faz-me rir, pensar, chorar, meditar; e faz a minha cabeça trabalhar em muitas direcções. Ele também só é verdadeiramente entendido pelo pobre. O rico, metido na sua torre de marfim, não quer que o incomodem.

Os meus comentários à leitura do vosso Jornal davam um nunca acabar.

Assinante 48316

Uma jovem

Há já algum tempo que desejo ser assinante d'O GAIATO.

Em resposta ao meu desejo, uma cliente aqui da Farmácia (...) acabara de receber o correio e, para meu espanto, perguntou se eu queria ler o vosso Jornal.

Assim, vi o número de fax e escrevi logo para, se possível, ser também assinante e saber como devo fazer.

Tenho 26 anos, um desejo muito grande de ajudar os Outros e um carinho especial pela Obra da Rua que mal conheço, mas pela qual louvo e dou graças a Deus.

Sandra

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Promessas de esperança

A O ler as notícias que os jornais vão publicando sobre o problema da habitação, em especial da habitação das famílias pobres, incluindo os que habitam em barracas, ficamos com a convicção de que o problema está a ser solucionado.



Blocos para vinte e oito famílias que viviam abarracadas

Na última semana alguns presidentes de Câmaras fizeram promessas que deixaram esperança. Vamos reproduzi-las:

«A Câmara Municipal aprovou, durante a reunião pública do Executivo, um pacote de construção de 2.500 casas, que atinge os 12 milhões de contos. A Câmara desenvolveu um grande esforço para a erradicação de barracas. A habitação preencheu boa parte da reunião, com algumas afirmações curiosas à mistura.»

O presidente desta autarquia tomou a peito a abolição das barracas e o realojamento dos seus habitantes. Queremos acreditar que o conseguirá e tem os nossos votos de aplauso.

Outro:

«Vamos construir 3.500 casas, mas julgo ser possível concretizar quatro mil, ao

abrigo de outros protocolos. É uma operação no valor de 40 milhões de contos, custando à autarquia perto de dez milhões de contos.»

Este presidente, ainda novo, entrou com garra e mostra vontade de renovar o concelho que tem muitas exigências. Acreditamos na sua capacidade.

Ainda outro:

«A Câmara Municipal avança para um bairro com projecto ambicioso: erradicação total de barracas e bairros degradados até ao ano 2001. O realojamento, já em curso, pode custar 40 milhões de contos.

Pelo menos 150 famílias oriundas daquele bairro ficarão a habitar casas mais dignas.»

Este autarca tem mostrado, na sua missão, consciência de que está a par de situações caóticas no seu concelho e procura enfrentá-las.

Em conversa com um dos nossos rapazes, motorista de um organismo público, e que percorre muitas vezes uma grande cidade, à minha pergunta se ainda haveria muitas barracas neste centro, respondeu: — Ainda encontramos barracas por todo o lado, embora a Câmara já tenha destruído muitas. Mas houve mais do que agora. Era bom que desaparecessem todas.

É obra de todos nós!

Padre Horácio

MOÇAMBIQUE

Por aqui as coisas estão melhores

A PÓS visita breve à nossa Casa de Malanje, que há dezanove anos não via e que tanto temos acompanhado pela oração com os nossos rapazes, até me sinto constrangido do tanto que em Moçambique já caminhamos desde que despontou a paz. O rosto desfigurado das cidades e vilas, o desaparecimento das sanzalas; os estigmas da miséria nas pessoas que encontramos pelas estradas são a vergonha de seus responsáveis. Os controlos inúmeros de Luanda a Malanje, por ex-algozes feitos polícias, denotam clima de hostilidade a quantos se aventuram ao caminho e

falta de confiança que os governantes retiram ao seu povo. Lembra mais uma atitude de escárnio a quem ainda sobrou da tragédia e anseia de novo a vida, oprimido na incerteza do amanhã.

Por aqui as coisas estão bem melhores e até se estranha que o Governador da Província de Maputo, tão louvavelmente solícito em conhecer no terreno e ouvir o seu povo apresentar as suas necessidades, se faça acompanhar de tão grande número de polícias armados. Foi assim mesmo que veio a nossa Casa e se sentou à nossa mesa. Creio que ficou contente e admirado com o que viu e ouviu. No último domingo de Abril já tinham vindo deputados da União Europeia não só portugueses que conhecem a Obra da Rua

desde pequeninos, como Torres Couto, mas também da Alemanha e da Espanha, que deram parabéns aos rapazes porque nada lhes falta para garantia dum futuro melhor.

Dois dias depois vieram o Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Embaixador de Portugal, Cônsul-Geral, com o coração dilatado de amizade por esta Casa e dois volumes grandes com livros escolares que recebemos como ajuda oportuna à nossa Escola. A estes tive a ocasião de dizer que a Obra da Rua é a expressão mais sublime da ajuda de Portugal a Moçambique. Política é política. Investimentos são negócios. Casa do Gaiato é doação gratuita de pessoa a pessoa, com pequenas ajudas a grandes necessitados. A pura amizade do Povo português que com gestos cristãos, quantas vezes de sacrifício, manda para as nossas Casas o necessário para manter esta e as de Angola. E só aqui não é pouco: cerca de mil crianças e duzentos adultos são atingidos.

Digo isto para encher de alegria os nossos verdadeiros Amigos e de confusão aqueles que nos visitam de mãos vazias.

Padre José Maria

DOCTRINA

Bandos de seres humanos fogem das suas terras por via da fome — e só encontram miséria.



fome — fontes secas! E logo a seguir sai um homem e mais outro homem; e de outra toca, outra gente — cartas do mesmo naipe.

— Nós viemos do Porto por essas terras abaixo a cantar e agora empenhamos a guitarra — olhe... É a cédula do penhor. Baixei os meus olhos tristes, afeitos a estas vistas; e considere qual não deve ser a força da fome para obrigar a tamanho desespero. E quis saber a razão porque haviam saído do Porto e trocado por Coimbra a sua terra natal: — Oh, meu senhor, lá é muito pior! Foi a cantadeira que assim falou, anunciando, sem dar fé disso, uma grande verdade. Sim; quanto maior for a cidade, maior a miséria.

OUTRO dia fui ao Porto e terminei as minhas voltas às cinco horas da tarde. Tinha uma hora para o rápido e gastei-a pelas ruas, seguido de uma chusma de garotos em cata de pão. — Ande, senhor abade; ali mais acima há outra padaria. Andei e nenhuma delas tinha pão, nem uma!

— Ai, meu senhor, no Porto é muito pior!

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

DE dentro de um dos meandros sai uma mulher desgrenhada, com duas crianças e um pequenino de lábios colados ao peito, a chorar de

Festas

Continuação da página 1

economia percebesse. Mas era uma economia como a daqueles que compram o mau pano que não dá para todo o ano. Assim, as escolas com multidões, sem controle, acabam por não render quase nada!... «Palhaço» vai à escola e falta às aulas!... O ambiente alí!

Conversa acabada, sempre com encorajamento para ambos, para ele e para mim, e vou-me com alguma esperança na alma. Pode ser que agora comece.

Após o jantar, tribunal.

Uma embalagem de sumos apareceu no balneário do campo! Os pequenos viram e trouxeram-na à senhora!

— Só podiam ter sido os da vacaria a quem a senhora dera a chave do armazém.

Chamados à pedra, negaram: — Não senhor. Não fomos nós.

O chefe insiste: — Como podiam ter sido outros?

Os rapazes defendem-se: — O J. P. viu.

— Viste, J. P.?

— Vi.

— Então quem foi?

Só alguém que entrasse pelo buraco. O armazém tem um óculo alto, destapado para arejar.

J. P. denuncia: — Foi o «Palhaço».

16 de Maio — 21.30 h, Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO.

30 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Humanitária de PALMELA.

5 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.

14 de Junho — 16 h, Salão Paroquial do MONTIJO.

19 de Junho — 21.30 h, Sociedade Capricho Moitense, MOITA.

26 de Junho — 21.30 h, Luísa Todí, SETÚBAL.

Padre Acílio

Tojal

23 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

31 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE Mouro.

6 de Junho — Sábado, 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de FANHÕES.

11 de Junho — Quinta-feira, Corpo de Deus, 15.30 h, Salão Polivalente — ODIVELAS.

14 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão dos Bombeiros de AZAMBUJA.

Padre Manuel Cristóvão